

UMA LEITURA DA CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA DE EIDORFE MOREIRA

EDIR AUGUSTO DIAS PEREIRA¹

Universidade Federal do Pará

A geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2003; 2005) no Brasil identificou os centros do poder econômico e político como os “centros” de produção e irradiação do conhecimento geográfico produzido por brasileiros². Deste modo, na história de construção e instituição do conhecimento e da ciência geográfica no Brasil enfatiza-se, principalmente, as produções realizadas no eixo São Paulo e Rio de Janeiro em particular, ignorando, silenciando, apagando ou subalternizando muitas vezes os conhecimentos geográficos produzidos fora desses centros por brasileiros de “regiões periféricas”, como o denominado Extremo Norte, o Norte, a Amazônia. A colonialidade do saber (MIGNOLO, 2007), em termos da geopolítica do conhecimento geográfico, tem regionalizado, transformado tudo o que é produzido “fora” desse eixo em conhecimento geográfico regional ou regionalista (que é uma forma de particularizá-los), quando não simplesmente ignora, silencia, invisibiliza.

Assim, apresentar um geógrafo, parte da obra ou do pensamento de um geógrafo pouco conhecido na história do pensamento geográfico brasileiro constitui o objetivo desse texto. Portanto, trata-se de uma apresentação sintética e analítica das concepções geográficas do paraense

¹ edirgeo@gmail.com

² A esse respeito escreve Gonçalves (2005:10): “No Brasil, há o nordestino, o sulista e o nortista, mas não há o sudestino, nem o centro-oestista. Afinal, o sudeste é o centro e, como tal, não é parte. É o todo!”.

Eidorfe Moreira. As condições de produção de um pensamento geográfico marcado pela incursão em diversos campos do saber estão para além da classificação regional e local, a partir do que se define como nacional e universal em termos de conhecimento. As concepções geográficas e da própria geografia apresentadas por Eidorfe Moreira em muitos de seus textos, portanto, não se prende ao rótulo regionalista, ainda que tenha realizado estudos especificamente voltados para problemas da realidade geográfica do Pará e da Amazônia em geral.

Lugar de enunciação e trajetos geobiográficos

A produção geográfica de Eidorfe Moreira pode ser situada a partir de seus deslocamentos geográficos, discursivos e institucionais no século XX no Brasil. Eidorfe Moreira nasceu na Paraíba, em 1912, filho de um militar que mudou para Belém quando Eidorfe Moreira contava com dois anos de idade, onde permanece até o final de sua vida, em 1989. Passou apenas seis anos em Soure, no Marajó, onde estudou de 1921 a 1927, retornando em seguida a Belém. O autor pode ser definido, por vinculação geográfica, como um paraense-belemense.

Participou, em Belém, do movimento estudantil de apoio à chamada Revolução Constitucionalista de 1932, perdendo o braço esquerdo em função de um tiro que o acertou no confronto dos estudantes com a polícia paraense. Em 1934 ingressa na Faculdade de Direito do Pará e começa a publicar artigos e ensaios em jornais de Belém. Nessa mesma instituição, após formado, vai atuar como professor de Economia Política, a partir de 1939, e no ano seguinte ocupa a cátedra de Introdução à Ciência do Direito. Depois passa a atuar como professor de Geografia em várias escolas de Belém como: Ginásio Progresso Paraense (1943), Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo (1944), Colégio Moderno (1945-1963), Ginásio Paes de Carvalho (1947) e Ginásio Souza Franco (1948). Mas também, nesse período, atua na Delegacia Regional de Seguros.

Quando da criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), em 1954, entregue à direção do amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis, Moreira é chamado a trabalhar no setor de divulgação da mesma, a partir da qual começou a publicar

importantes trabalhos sobre a Amazônia³. Em 1967 ingressa na Universidade Federal do Pará (UFPA) como diretor da Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural, sendo que nesta instituição exerceu várias funções, como professor e pesquisador, e onde permanece até afastar-se em 1982.

Benedito Nunes (1989: 25) classifica os livros de Moreira em três conjuntos: a) os específicos sobre a região amazônica; b) os geográfico-literários, como *Sertão – a palavra e a imagem* e *Geografias Mágicas*; e c) os de história cultural do Pará, como *O livro didático paraense (breve notícia histórica)*, *Presença hebraica no Pará* e *As letras jurídicas no Pará*. Nosso interesse, nesse artigo, volta-se para os livros de segunda ordem, enfatizando-se com Nunes (1989: 25) que, graças ao esquema geográfico do seu pensamento, Eidorfe Moreira soube ligar o universal dos conceitos à concretude das situações particulares.

Transitando por instituições de produção e legitimação do conhecimento (periódicos, instituições do Estado, escolas e universidades) locais, regionais e nacionais de seu tempo, Moreira exercitou o *ensaio geográfico*, se assim podemos designar, como uma forma de debater temas filosóficos e da cultura ocidental. Observa Nunes (1989: 27) que “ele extraiu da Geografia os delineamentos de compreensão filosófica que nela se encontram latentes e que se acham virtualmente contidos nos métodos de conhecimento que emprega”.

Após esta breve nota geobiográfica podemos nos ater à análise do pensamento geográfico de Moreira a partir da leitura de algumas de suas obras. O protocolo de leitura, segundo Derrida (apud NASCIMENTO, 2001), que adotei em relação aos textos de Moreira, é o que podemos denominar de *dobramentos analíticos*. Desdobrarei esta leitura em algumas linhas de configuração que considero significativas para mapear os

³ O ensaio *O conceito de Amazônia* (publicado originalmente no jornal *A folha do Norte*, em 1955, com o título *Amazônia – considerações em torno do seu conceito e delimitação*), que é publicado pela SPVEA em 1958, e, no mesmo ano já revisto e ampliado, publica-se com o título *Amazônia: o conceito e a paisagem* pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) e em 1960, pela SPVEA. Em 1966 publica *Belém e sua Expressão Geográfica*, um ensaio geográfico da formação histórica da cidade. Entre seus livros em que aborda a Amazônia, ainda se destacam: *Os igapós e seu aproveitamento* (1970), *Visão Geo-Social do Círio* (1971) e *Influências amazônicas no Nordeste (reflexos da fase áurea da borracha)* (1982).

sentidos do seu pensamento geográfico. A primeira linha passa pelas *concepções da Geografia*, sua definição, seus métodos, sua especificidade, as definições dos objetos de estudo dessa ciência, seus conceitos, suas categorias e suas implicações na compreensão do mundo. A segunda passa pela *aproximação da Geografia com a literatura*, seus entrelaçamentos, interpenetrações e diferenças - o que Moreira mesmo denominou de “geografias mágicas”. A terceira passa pelo que denomino de *geografias miúdas*: a geografia das mulheres, dos cegos, do sobrenatural, das crianças, etc.

Uma Geografia sensível e compreensível

Há uma tensão no modo como Moreira pensa e faz Geografia, uma tensão moderna entre o subjetivo e o objetivo, o racional e o emocional. Isto se verifica tanto na maneira como entende a Geografia enquanto *ciência e concepção de vida*, quanto nas obras que produz. Uma obra segue o modelo da Geografia clássica, investigando e expondo objetivamente o espaço de sua investigação, como o livro sobre o conceito e a paisagem da Amazônia, no qual expõe inicialmente todos os aspectos da natureza que a definem e depois os aspectos humanos e econômicos. Em outras obras, ainda realizando análises geográficas, envereda pelo âmbito da reflexão filosófica, utiliza textos literários e analisa geograficamente muitos desses textos.

A Geografia para Moreira vem a ser ao mesmo tempo uma ciência, no sentido moderno do termo, e uma forma de “conceber a vida” – uma espécie de “cosmovisão” do mundo, ou para citar outro termo usado por ele: uma “mundivivência”. Vivemos e vivenciamos o mundo como geografia e podemos entender/compreender o mundo a partir da Geografia – concebendo-o como estudo da paisagem. A Geografia, para Moreira, tem essa dupla conotação, essa ambivalência, ou, esta dobra, pois estas formas de conceber a geografia se complementam, ou seja, a Geografia enquanto ciência é inseparável da geografia enquanto cosmovisão/mundivivência, e, também essa enquanto cosmovisão/mundivivência alimenta e é passível de uma interpretação pela ciência geográfica.

Portanto, Moreira (1960:8) busca “elevar certos temas geográficos a um plano de significação filosófica”, em particular no seu livro *Por Uma Concepção Geográfica da Vida*. Ou seja, Moreira ousa uma “aproximação da Geografia com a Filosofia”, segundo ele mesmo diz. Nesse livro os três

primeiros textos versam sobre a geografia como uma cosmovisão, faz uma crítica geográfica ao idealismo e discute a descrição como método da geografia.

Para Moreira a Geografia é uma *compreensão da vida em sua plenitude cênica*, por isso, não pode entender o mundo de modo fragmentário e fragmentado, porque essa “visa a paisagem integral da vida, o *mundo exterior* na sua rica expressividade cênica” (MOREIRA, 1960: 11, itálico nosso). O que diferenciaria a Geografia entre as ciências é a abrangência de sua perspectiva, a “ampla escala de grandeza” em que os “acidentes e fatos geográficos” são compreendidos, articulados em “unidades paisagísticas”. Moreira (1960:11) segue a lição dos clássicos, entendendo que não só os fatos em *extensão* podem ser tidos como geográficos, os fatos geográficos, esclarece, são fatos de *relação*. São os princípios da Geografia, segundo Moreira, a extensão e a conexão (MOREIRA, 1960: 12)⁴. O que o geógrafo faz, então, para ver as coisas em “escala panorâmica”, em sua “coexistência e universalidade”, nos termos do autor? O geógrafo primeiro estabelece o “grau de significação dos fatos ou acidentes em relação ao espaço” – princípio da extensão – e, em seguida, fixa “as suas relações e correspondências com os demais”, o que ele chama de “grau de significação na economia planetária” – princípio da conexão. (MOREIRA, 1960: 12). Sobre isso escreveu La Blache, em 1894:

É nesta ligação que reside a explicação geográfica de uma área. Examinados separadamente, os traços de que se compõe a fisionomia de uma área tem o valor de um fato; eles somente adquirem o valor de noção científica se o colocamos no encadeamento do qual fazem parte e que é o único capaz de lhes dar sua plena significação. (apud SANTOS, 2008: 45).

É esta articulação entre extensão e conexão que permite compreender o mundo e a vida em termos de paisagem. Para o geógrafo, a paisagem reveste-se de um *valor estético* e de uma *significação* analítica. Segundo Moreira (1960: 13), o geógrafo “alia à sua visão estética uma compreensão daquilo que observa ou aprecia, sem fugir ao seu propósito de abrangência e de síntese”. Nenhum outro cientista faz isso, nenhuma outra ciência permite isso, segundo o autor. Ele enfatiza:

⁴ Segundo Milton Santos (2008) a ideia de unidade da terra deve-se a Vidal de La Blache, Ratzel é responsável pela formulação do princípio de extensão e, Jean Brunhes, pelo de conexão (p. 45). Ruy Moreira (2008) considera estes os princípios lógicos da geografia clássica.

A geografia será sempre um estudo da vida em função do espaço, um estudo portanto em termos dimensionais, convindo não esquecer que espaço significa neste caso **paisagem**, quer dizer, **uma área revestida de certos atributos de expressão**” (MOREIRA, 1960: 13, negritos do autor).

O objeto de estudo da Geografia, portanto, é a paisagem. Mas o que significa definir esta como uma área revestida de certos atributos de expressão? Moreira (1960: 13) afirma que significa dizer que o espaço, em geografia, é uma noção estética, e não física. A Geografia, nesse sentido, inova no campo das ciências pois “considera a Natureza como uma expressão valorativa” (MOREIRA, 1960: 13). Nisto é que reside o que denominamos de jogo de *articulação* e *tensionamento* entre subjetivo e objetivo: os *graus de significação* são basicamente relações mais de quantidade (objetivas), mas os *valores de expressão* são relações mais qualitativas (subjetivas).

Há um sentido próprio de Natureza para o geógrafo que “não se confunde com as demais noções a seu respeito”, já que na Geografia esta é o que possui “significação paisagística” (MOREIRA, 1960: 13), o que é valorizado segundo os princípios da extensão e da conexão. Ou seja, o geógrafo sempre “considera a Natureza em função de certos valores extensivos e cênicos” (MOREIRA, 1960: 14). Por isso, a vida se torna mais rica e expressiva vista e analisada geograficamente. Moreira exalta, assim, a Geografia: “É como paisagem que ela [a vida] adquire a sua mais alta forma de expressão, de grandeza e de unidade, pois somente assim podemos abranger, no seu *harmonioso determinismo*, o acordo universal das coisas e dos seres” (MOREIRA, 1960: 14, grifo nosso). Esta vontade de abrangência ou sentimento de grandeza, antes de ser próprio de Moreira, não seria próprio do geógrafo moderno?

Moreira ainda afirma, para reforçar a particularidade da compreensão da Natureza na Geografia: “nosso conhecimento geográfico não atende apenas à nossa curiosidade e estesia, como também aos nossos **sentimentos** para com a Natureza e para com os nossos semelhantes” (1960: 14, negrito nosso). Continua, dizendo que o conhecimento geográfico é um **conhecimento participante** “no sentido de exigir do observador a **integração efetiva** da sua pessoa na paisagem que estuda ou descreve” (1960: 14, negrito nosso). O geógrafo não pode subtrair-se do seu “objeto” de estudo: a paisagem. Ele participa, como qualquer ser vivente, da paisagem, e não pode anular sua pessoa, sua individualidade,

sua subjetividade. Continua Moreira (1960: 14), a jogar com os verbos *analisar* e *sentir*, dizendo que o geógrafo não é mero analista de paisagem, mas deve possuir visão e sensibilidade para compreendê-la como fato **natural** e senti-la nas suas manifestações **humanas**.

O verdadeiro conhecimento geográfico é o que alia positivamente razão e emoção. Não significa apenas observar e analisar paisagens, diz Moreira (1960: 15), mas sentir o que elas são e o que sugerem do ponto de vista humano, sentir “as grandezas e as vicissitudes da experiência cósmica”. Para o geógrafo paraense o pressuposto básico do conhecimento geográfico é que “homem e paisagem são expressões complementares”, nessa vinculação necessária reside seu papel mais filosófico que científico, como “conhecimento sintético e coordenativo” (1960: 15). Vale esclarecer o que Moreira entende por síntese, para não invalidar todo esse interessante jogo que estabelece entre análise e sensibilidade. Afirma também, que a Geografia **não é**:

(...) um arranjo ou extrato de várias ciências visando uma simples ilustração da vida; na realidade ela é uma **summa**, na mais ampla e subida compreensão do termo - a **summa** naturalística e humana da vida - e com isso queremos significar uma síntese de conhecimentos que procura defini-la e fixá-la em termos paisagísticos” (MOREIRA, 1960: 16, negritos do autor).

Parece que com esta afirmação da Geografia como uma síntese de conhecimentos, que procura definir a vida em termos paisagísticos, Moreira se perfila a uma longa e sólida tradição clássica ou tradicional de geógrafos. Mas isso não invalida toda sua preocupação em afirmar o distintivo filosófico do conhecimento geográfico. Afinal, recusar e continuar a tradição não são opções e operações simples. Para Derrida (2004: 12), recebemos uma herança e a reafirmamos, o que significa: “Não apenas aceitar essa herança, mas relançá-la de outra maneira e mantê-la viva”. O deslocamento de sentido que Moreira se esforça por empreender na concepção de Geografia é válido ainda nos dias atuais, por mais que tenhamos relativamente superado essa concepção de síntese de conhecimento.

Quando Moreira (1960: 17) frisava que a Natureza é tudo que tem **valor**, determinado **valor de expressão** para a Geografia, não queria dizer com isso que a natureza fosse uma “realidade” subjetiva, como aparece no idealismo. Esse valor de expressão da natureza não significa reduzir seus

aspectos concretos/físicos a conceitos e representações mentais. Para Moreira (1960:18) o idealismo “abriu novas perspectivas aos problemas do conhecimento, permitindo assim mais profundidade e amplitude às análises epistemológicas”. Por outro lado, foi “responsável direto por certos exageros apriorísticos de que se recente o pensamento moderno, exageros que ocasionaram não só a prevalência de critérios subjetivos sobre os empíricos como até mesmo o descrédito destes em relação àqueles” (MOREIRA, 1960: 18), o pressuposto de que a aparência/materialidade é enganosa, ilusória, falsa.

O que o idealismo nega de tão importante para a geografia é a relação do indivíduo com o meio, “a mais geral das adequações biológicas”. Esta não pode ser reduzida ao “plano das relações mentais” (MOREIRA, 1960: 19). Ou seja, a realidade dessa relação existe independente de nós, e isso é fundamental para a Geografia.

É literalmente contrário ao espírito geográfico procurar subjetivar a significação daquilo que, por definição, deve existir naturalmente fora do nosso eu. Dizer, por exemplo, que o mundo exterior – e consequentemente a paisagem – é uma representação mental ou um correlato da consciência só tem sentido nos domínios extrageográficos, pois tudo que for subjetivo ou subjetivador é antigeográfico. (MOREIRA, 1996: 20)

. O que acontece, então, com sua defesa de que o geógrafo deve aliar análise e sensibilidade na compreensão da paisagem? Nesse sentido, Moreira parece se render à dicotomia moderno-ocidental entre subjetivo e objetivo, apesar de sua defesa da geografia como uma cosmovisão. Mas, é claro que não podemos deixar de observar que para a Geografia é importante considerar que o mundo tem uma autonomia em relação ao espírito humano. O que inclusive leva Moreira a uma definição de Natureza bem moderna. Para o autor, a Natureza constitui “o conjunto das realidades físicas em que o homem vive e das quais depende”, vistas pelo geógrafo em sua articulação estrutural e cênica: as paisagens (MOREIRA, 1960: 20). A Natureza é vista pelo geógrafo como “um dado dimensional concreto – o mundo exterior em suas magnitudes cênicas” (1960: 20). Moreira entende que à Geografia importa afirmar essa exterioridade e objetividade da Natureza, autônoma em relação ao nosso espírito, como uma paisagem. Nesse sentido:

A paisagem será então nesse caso uma certa soma de **valores objetivos** revelados à nossa **sensibilidade** ou à nossa **inteligência** mediante determinada **perspectiva**, que nos permitirá maior ou menor efeito cênico a seu respeito. E é como **expressão** desses valores objetivos – **estabilidade, regularidade, harmonia**, etc. – e não pelo que dela fazem **os artificios do nosso espírito**, que o geógrafo elege conscientemente uma paisagem como objeto de estudo (MOREIRA, 1960: 21, negritos nossos).

Vemos então que os “valores de expressão” da paisagem pouco têm a ver com o que o sujeito sente ao analisá-la, mas com a objetividade passível de ser apreendida através da estabilidade, regularidade e harmonia, como dados “naturais” ou concretos da paisagem, do mundo exterior. No entanto, vale notar que essa recusa do idealismo em Moreira está relacionada à sua busca de valorização da Geografia como possibilidade de conhecimento do mundo e não a interdita como mundo-vivência, o que não significa sua aceitação do materialismo/empirismo. Para Moreira (1960: 22) o conhecimento é apenas uma das nossas formas de relação com o mundo, que não esgota nossa capacidade de apreender e sentir a natureza das coisas.

O que vem a ser o “mundo exterior” para o homem? Ele pode ser **objeto, instrumento e ambiente**, diz Moreira (1960). Enquanto objeto, o mundo forma um conjunto complexo de fenômenos que nossa inteligência busca conhecer e elucidar; como instrumento, representa uma fonte de suprimentos de que dispomos para viver e agir; enquanto ambiente é a condição possibilitadora do nosso ser (MOREIRA, 1960: 22). Como objeto e instrumento o mundo é uma realidade passiva – campo de projeção dos nossos sentidos e interesses -, mas como ambiente é uma realidade atuante e condicionadora (MOREIRA, 1960: 22). A Geografia deve levar em conta todos estes aspectos, principalmente os dois últimos. É por ser também ambiente que o espaço na Geografia não pode ser reduzido a uma representação mental/subjetiva.

Apesar de considerar a Geografia um saber abrangente, como forma de saber ela possui suas *ignorâncias*, diz Moreira. O que é interessante, porque muito mais falamos sobre o que podemos saber, das possibilidades, das virtualidades e virtudes do conhecimento geográfico do que de seus limites. São três as ignorâncias da Geografia, segundo Moreira (1960: 23-4): a) a ignorância de nossas exatas relações com o meio (carência de precisão dessas relações); b) a ignorância do alcance das influências desse

meio sobre nossa vida; e, c) a ignorância dos limites e das possibilidades do Planeta em relação ao homem⁵.

Segundo Moreira, estas limitações dizem respeito ao “problema do meio”, à compreensão geográfica da vida. Ressalta o autor que:

É como parte da paisagem que um ser adquire a sua plena capacidade de afirmação, no sentido realmente existencial dessa afirmação, pois do contrário teríamos que admitir a possibilidade de um indivíduo se completar como mero ponto neutro no espaço (MOREIRA, 1960: 25).

De fato, ainda há uma indeterminação no modo como somos “condicionados” pelo meio, mas não podemos negar nossa integração/interdependência ao meio. A Geografia apenas reconhece um “complexo de influências” nessa relação dos indivíduos, da sociedade e das instituições com o meio, influências que favorecem ou limitam o homem e que se fazem sentir sobre as **atividades** ou o **estilo de vida** e a **personalidade** dos homens (MOREIRA, 1960: 26-28, negritos nossos). Portanto o meio geográfico, entende Moreira (1960: 26-7), não é causa motriz da vida e da História, mas é preciso definir e fixar a sua significação ou importância em relação a ambas.

Para Moreira (1960:28): “Somos a um só tempo produto do meio e criador desse meio, porque somos ao mesmo tempo paciente e agente em relação a ele”. Mas entende que a vinculação do homem ao meio comporta dois sentidos pelo menos: um espiritual (sentimentos, estímulos e experiências) e outro material ou orgânico (necessidades reprodutivas) (MOREIRA, 1960: 29). Estabelece que o meio representa para o homem: a) objeto de inspiração, estímulos e experiências; b) fonte de suprimentos; c) fator de segurança e proteção (1960: 29). Veja que segue na mesma linha do que estabelece anteriormente para o “mundo exterior” ou sobre a Natureza ser para o homem objeto, instrumento e ambiente. Dá-nos, assim, uma definição interessante de “meio geográfico”:

Geograficamente considerado, o meio é a ambiência cósmica do homem, a paisagem ou quadro natural a que ele se vinculou por fatalidade ou por acaso, por circunstâncias naturais ou por imposições históricas, bem como tudo quanto

⁵ Sobre as *ignorâncias da geografia*, nos lembra Boaventura de Sousa Santos (2002) quando afirma que todo conhecimento é conhecimento em relação a alguma ignorância, e toda ignorância o é em relação a um conhecimento.

ele incorporou aí de modo efetivo, constituindo assim a complementação humana da paisagem. (MOREIRA, 1960: 29).

Não há grande novidade nisso, e não é pela novidade que citamos. Importa o esforço de Moreira em sistematizar e definir o meio geográfico como “ambiência cósmica”, fator de “afirmação existencial”, como paisagem, através dessa relação do homem com a Natureza. Para ele o meio constitui-se do natural orgânico e inorgânico e da Cultura como expressão paisagística, mas nem por isso é um todo homogêneo (MOREIRA, 1960: 30).

Neste livro, Moreira ainda aborda a questão do método em Geografia. Qual o papel da descritividade neste campo? Para a Geografia do seu tempo, escrevia Moreira (1960: 33), a descrição era uma espécie de “pecado original”, do qual deveria se remir para o bem de sua formação científica. Defende Moreira (1960: 34) que na Geografia a explicação é relacional e não causalística, por isso que a descrição e a explicação são inseparáveis, pois a descrição “já envolve uma explicação ao seu modo”, sendo a explicação “uma exigência implícita da própria descrição”. A limitação e descrédito do método descritivo na Geografia, portanto, é injustificável.

Para Moreira (1960: 35) a descrição: “[...] é um processo de fixação da nossa experiência sensorial com respeito às coisas: uma sistematização das impressões sugeridas pelas suas qualidades, relações e modos de ser”. Reconhece, no entanto, que a descrição “não nos revela o significado profundo das coisas”, já que não nos dá a sua “essência ou realidade interior” (MOREIRA, 1960: 35). A descrição, assim, constitui uma forma específica de *fixar e relacionar os fatos em função do espaço*, ou seja, na sua configuração no espaço (MOREIRA, 1960: 37). E isso é o que importa para a Geografia. Por outro lado “os fatos geográficos já contêm em si as marcas das suas origens e de sua evolução”, o que permite fazer uma relação desses fatos com o tempo (MOREIRA, 1960: 37). Esta *marca do tempo* assegura que a descrição nunca pode ser uma fixação imediatista pois “descrever um fato geográfico é mostrá-lo em seus vários aspectos e individualizá-lo ao mesmo tempo em face de um conjunto, o que importa naturalmente em reconhecer-lhe uma significação” (MOREIRA, 1960: 37). Para Moreira (1960: 38), a Geografia “é a descrição de tudo que a vida tem de valorizável no espaço, quer dizer, daquilo que ela oferece de expressivo e configurável como paisagem”. É a paisagem, como sentido estético do espaço, como objeto da Geografia; e a descrição como método de captação

da paisagem na irredutível materialidade do meio, que vão permitir a Moreira aproximar Geografia e Literatura.

Geografia, literatura e paisagem.

Hoje se tornou frequente a busca de uma aproximação e diálogo entre a Geografia e a Literatura, ainda que teórica e metodologicamente pouco se tenha operacionalizado. Para o geógrafo paraense Eidorfe Moreira, citando Pierre Monbeig, haveria:

(...) uma estreita compenetração entre a Geografia e a Literatura, compenetração que no caso está favorecendo a primeira, uma vez que, como observa Pierre Monbeig, ‘depois do seu renascimento moderno, a Geografia se tornou cada vez menos literária, ao passo que a Literatura se tornava dia a dia mais geográfica. É que efetivamente elas têm um campo em comum: a descrição da paisagem’ (MOREIRA, 1960: p. 8).

Mas serão apenas próximas por esse campo em comum? Ou a Geografia e a Literatura têm mais em comum dentro da constituição do *paradigma da modernidade*? (SOUZA SANTOS, 2002). Moreira (1960: 7) entendia que a literatura se tornava fonte para a exposição e fundamentação de alguns temas de interpretação geográfica; recorria, assim, às obras literárias por reconhecer seu “valor lógico, documental e informativo” para a Geografia.

Moreira dá-nos pistas interessantes para a aproximação da literatura com a geografia, o que ele exercitou em muitos dos seus *ensaios geográficos*, em particular no seu último livro, no qual reúne uma série de ensaios que vinha publicando desde a década de 1960, cujo título sugestivo é *Geografias Mágicas* (1985). Em nota introdutória ele escreve que o nome é devido ao “milagre da imaginação”. Nesta obra publicou ensaios sobre o livro Dom Quixote, sobre os Lusíadas, obras de Guimarães Rosa, Machado de Assis, James Joyce, Augusto dos Anjos, entre outros. Além de analisar as pinturas de El Greco.

Moreira defende que a relação da Geografia com a Literatura se funda na descrição da paisagem. Como vimos, para Moreira a descrição é o método por excelência da Geografia pois nos permite fixar e relacionar as coisas no espaço, o que se expressa e configura como paisagem: o objeto

de estudo da Geografia, como área revestida de certos atributos de expressão, tem um sentido muito mais estético que físico.

Há um tópico no livro *Por Uma Concepção Geográfica da Vida*, denominado “Geografia e Poesia”, no qual Moreira elabora uma reflexão que podemos estender para a literatura em geral, sobre como a geografia e a poesia se distinguem e se entrecruzam através da paisagem. Ele começa escrevendo que: “A Geografia é a Poesia concretizada, quer dizer, o espaço considerado como fator estético; a Poesia é a Geografia subjetivada, isto é, a paisagem de uma emotividade particular da alma” (MOREIRA, 1960: 39). E complementa esta asserção com uma citação de Proust sobre a paisagem ser um estado da alma. Vamos apresentar estas diferenças e compenetrações entre Geografia e Poesia através de um quadro comparativo ao final do texto, sem pretender simplificar, mas para exemplificar:

GEOGRAFIA	POESIA
<ul style="list-style-type: none"> - Visão do mundo exterior em termos paisagísticos; - Projeção do mundo da ação e do pensamento; - A vida considerada em relevo e extensão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incorporação subjetiva do mundo; - Mundo recriado nos sonhos, sentimentos e emoções; - A vida em função de uma sensibilidade.
PAISAGEM	
<ul style="list-style-type: none"> - Fato geográfico: objeto dos sentidos; - Campo de pesquisa e certificações sensoriais; - Espaço revertido de certos atributos estéticos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ato poético: estado ou forma de sensibilidade; - Motivo, reflexo, tema e inspiração literária; - Meio que influencia, condiciona e informa a criação poética.

Quadro 1: Correspondências entre Geografia e Poesia.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no texto de Moreira (1960).

Portanto, observando-se as proposições confrontadas no Quadro 1, as correspondências entre Geografia e Poesia para Moreira estão vinculadas ao modo como estas se relacionam com/através da paisagem. São correspondências: *epistemológicas* – estão na construção do saber/representar/criar - e *ontológicas*: toda poesia reflete uma paisagem e toda paisagem consubstancia uma poesia (MOREIRA, 1960: 41). Para a Geografia a paisagem é um espaço revestido de certos atributos estéticos, o espaço é uma noção estética e não física (1960: 41). Assim, na Literatura (poesia) *encontramos* Geografia (a paisagem) e na Geografia encontramos poesia, por meio da paisagem que consubstancia a poesia.

Moreira (1960: 40-41) dá ênfase à paisagem na aproximação Geografia e Literatura nos seguintes termos: a) o sentimento poético está em função de certo grau de “geograficidade”⁶ (termo usado pelo autor) de nossas representações; b) toda poesia reflete uma paisagem, direta ou indiretamente; c) a paisagem constitui motivo e reflexo, tema e inspiração para criação poética; d) a paisagem é também campo de experiências onde se exercitam e modelam os processos de elaboração poético-subjetiva.

Moreira (1960: 43), entre citações de Shakespeare e Jorge de Lima, faz o elogio do poeta, da arte poética. Ao poeta compete uma visão da riqueza inexorável das imagens das coisas; ele descobre nos dados empíricos e nas relações abstratas um sentido, uma sugestão, um valor simbólico. Afirma o geógrafo paraense que: “A pura representação do espaço já assume no seu espírito uma figuração poética”, ou seja, “a impressão poética do espaço como paisagem” (MOREIRA, 1960: 44). Por isso, o geógrafo tem muito a aprender com o poeta, tem muito a enriquecer-se com a literatura; não só para extrair dela **exemplos**, não só para torná-la **objeto** de seu estudo, mas, principalmente, considerando como o poeta converte as formas do espaço *in concreto* experienciado em “puros valores de expressão, isto é, à sua mais alta e mais límpida significação” (MOREIRA, 1960: 45).

Vale a pena comentar mais duas citações a respeito desse tema, extraídas de outro livro de Moreira (1966). A primeira encontra-se num pequeno texto em que trata do que chama “geografia romanceada”:

⁶ Ainda que não haja referência, nem definição, as aspas no termo *geograficidade* podem indicar uma leitura da obra de Eric Dardel (2011), originalmente publicada em 1952. Tudo indica que Moreira era um leitor dos geógrafos franceses.

Que rica fonte de observações ligadas às suas atividades o geógrafo não encontrará em matéria de romance? E quem não verá nisso uma forte razão para crer que serão cada vez mais estreitas as relações entre Geografia e Literatura? (...) uma descrição literária pode ser geograficamente mais expressiva do que uma descrição intencionalmente geográfica sobre o mesmo assunto. Isto é particularmente sensível na prosa de ficção e nos livros de viagens. Pode-se mesmo dizer que muitos romancistas são verdadeiros geógrafos dissimulados (MOREIRA, 1966: 232-3).

O prognóstico de Moreira é confirmado nos dias de hoje na Geografia, cada vez mais próxima da literatura, realizando intercâmbios intensos e fecundos com os textos literários, não mais como simples fontes de observações, mas também como campo de saber, experiências e teorias com as quais convém dialogar (BROSSAU, 2007) para ampliar e aprofundar o conhecimento geográfico e a imaginação geográfica. E, por sinal, assistimos ao processo inverso, que Monbeig identificava, de afastamento da Geografia em relação à literatura. Temos hoje uma geografia muito mais literária, que não recusa se “contagiar” pelos modos de expressão literários. Poderíamos dizer, invertendo Moreira, que muitos geógrafos são verdadeiros romancistas dissimulados ou mesmo declarados, ainda que não escrevam romances, e isto não desqualifica sua produção geográfica, muito pelo contrário. No entanto, é ainda mais notória a presença de literatos geógrafos, cujas obras literárias são geograficamente expressivas – e não apenas por sua capacidade de descrever paisagens, como pensava Moreira.

A outra citação que segue é um extrato do tópico “O princípio geográfico da Literatura”:

Toda obra literária se impregna e reflete de alguma forma a presença geográfica do meio em que foi elaborada. Direta ou ostensivamente nalguns casos, indireta ou sutilmente noutros, essa presença faz parte integrante do seu contexto. O simples fato de serem o homem e o meio cósmico elementos de vinculação necessária à dinâmica da vida, já nos induz a esta admissão. (MOREIRA, 1966: 233).

Da correspondência entre Geografia e Poesia, já havia observado que toda criação poética se pauta em uma *cultura*, uma *época* e um *espaço* (MOREIRA, 1960: 41). Sendo que o espaço como paisagem e meio

(geográfico, ecológico, cosmológico) condiciona e informa a criação poética como motivo e reflexo, tema ou inspiração, campo de experiências no qual o poeta elabora sua obra (MOREIRA, 1960: 41). A ideia corrente de que todo texto tem (e produz) seu contexto expressa bem esta relação da criação literária com o espaço em que o autor escreve, ou sobre o qual escreve – que se torna presente em sua obra, simulado ou dissimulado, direta ou indiretamente. O que devemos rejeitar é a ideia do reflexo, da representação mimética (HALL, 1997; 2003) de que as obras literárias simplesmente refletem o espaço em que são produzidas. Já Moreira, de algum modo, se afasta dessa compreensão restrita por referir-se ao *grau de geograficidade* de nossas representações, ou ao observar que a presença geográfica na poesia se traduz ora em *paisagens de superfície*, ora em *paisagens de profundidade* (MOREIRA, 1960: 40), o que podemos denominar de representação *metonímica* e *elíptica* da paisagem. Também lembra que o poeta explora vivências e estados da alma – concebidos como paisagem -, complexas experiências vitais na sua criação, sendo que “toda figuração exterior da vida se modifica e engrandece no seu ânimo” por efeito do poder mágico e pessoal do artista (MOREIRA, 1960: 42).

No livro *Por uma concepção geográfica da vida* há ainda uma parte denominada “Uma visão geográfica da cultura”. Nessa, aborda a cultura como paisagem, o critério geográfico da civilização, o sentido geográfico da propriedade, o capitalismo como uma revolução geográfica, a relação de política e subsolo, a posição como fator básico na geografia e o fundamento geográfico da paz. Na terceira parte aborda as relações do homem com a paisagem através do “antropocentrismo geográfico”, o sentimento pátrio como compromisso telúrico, a cosmologia do amor, a função geográfica da mulher, solidão e paisagem, o cego e a paisagem, a paisagem dos sonhos e as paisagens ideais.

Cultura é sinônimo de paisagem para Moreira, paisagem criada pelo homem, ao estabelecer novos ritmos e novas formas na ordem natural do mundo (MOREIRA, 1960: 55). Considerada do ponto de vista geográfico, segundo Moreira (1960: 56), a cultura é uma expressão geomorfológica, uma verdadeira camada constitutiva do planeta, mais grandiosa como fato geográfico que como realização social. Segundo Moreira:

Sob o ponto de vista geográfico, ela pode ser definida como o complexo dos processos mediante os quais o homem resiste e se impõe à Natureza, pois sempre que se resiste e se impõe à Natureza isso significa que ele não só adquiriu consciência da sua autonomia como do seu poder em face dela. Mas exato e

melhor será então dizer: **cultura é conjunto das superações e conquistas do homem sobre a Natureza.** (MOREIRA, 1960: 57, negritos do autor).

Segundo Moreira (1960) o processo geográfico que envolve a cultura é a ambientalização e a superação. Na ambientalização o homem faz concessões ao meio, é passivo; na superação o homem obtém compensações racionais do meio. É uma distinção apenas teórica, segundo Moreira.

Moreira não apenas teorizou sobre a aproximação entre Geografia e Literatura, ele realizou isso na prática através de estudos e usos frequentes de textos literários - o livro *Geografias Mágicas* reúne esses textos. O autor também ampliou sua aproximação da Geografia com a Filosofia, abordando questões bastante “inusitadas” numa perspectiva geográfica, desenhando um mapa ensaístico de *geografias miúdas*, ou, parafraseando uma expressão de Deleuze (1997; 2004), *geografias minoritárias*⁷.

Geografias mágicas e geografias miúdas

Denomino de *geografias mágicas* as análises que Moreira faz de obras literárias, de artes e de filosofia – como ele mesmo propõe -, e denomino de *geografias miúdas* as correlações que Moreira faz da Geografia com temas variados da cultura, como a função geográfica da mulher, geografia religiosa, solidão e paisagem, o cego e a paisagem, etc. Não nos deteremos aqui em detalhes, mas apenas nas linhas gerais de significação da ampliação do espectro de temas de abordagem geográfica, na interpretação cultural geográfica que Moreira busca realizar, quando pouco ou quase nada se falava de cultura nesse sentido, na Geografia no Brasil.

⁷ Dizer que uma escrita é minoritária “significa que a escrita encontra sempre uma minoria que não escreve; ela não se encarrega de escrever *para* essa minoria, no seu lugar e propósito dela, verificando-se antes um encontro onde cada um empurra o outro, o arrasta na sua linha de fuga, numa desterritorialização conjugada” (DELEUZE; PARNET, 2004: 59-60). No texto *Kafka: por uma literatura menor* (2003) o conceito de “menor” é invertido por Deleuze e Guattari, entendendo que uma literatura menor não é uma literatura que tenha um valor diminuído, mas como a língua de uma minoria diante de uma língua maior, com um forte componente de desterritorialização.

O livro *Geografias Mágicas* começa com um ensaio sobre as ruínas. Segundo Moreira (1985) as ruínas se regem por uma espécie de inércia histórica que faz com que elas não acompanhem o ritmo e o espírito da época. Esta inércia histórica implica no problema das relações entre duração e tempo. Esta reflexão nos remete ao que Milton Santos (2008; 2009) definiu como rugosidades ou inércia dinâmica de determinadas formas espaciais. Em geral, nos detemos em Geografia nas formas inteiras e intactas, buscamos por meios filosóficos resolver esta vinculação de tempo e espaço. Moreira apresenta as ruínas materiais e simbólicas como um modo de entendermos estas propriedades de inércia histórica da paisagem como marcas do tempo fixado no espaço. Mas, vistas como a impressão que determinadas estruturas do passado, mesmo usadas, nos dão de ruína, faz-nos pensar que as rugosidades podem ser compreendidas não como meras formas materiais.

Os demais textos desse livro tratam de análises de textos literários, com ensaios em que analisa as nuvens na pintura de El Greco e um curioso estudo sobre Kant enquanto geógrafo. Seria interessante apresentar como Moreira faz as leituras das obras em cada estudo, o que demandaria muito espaço. Então o que vamos fazer é apresentar seus modos de interpretação geográfica de textos literários, usando alguns exemplos.

Podemos dizer que as leituras que Moreira realiza das obras literárias são assinaladas por cortes e dobras analíticas geográficas. Os cortes definem uma *leitura vertical*, que se dobra na *análise do conteúdo geográfico* dos textos, e uma *leitura horizontal*, que se inclina na *análise comparativa* de textos a partir de temas e das conexões contextuais da obra/autor com espaço, tempo e cultura. O que articula a análise em cortes e dobras é o princípio da vinculação da **imaginação** com a **paisagem**. A imaginação geográfica nas suas leituras constitui o foco interpretativo e a condição de aplicabilidade do método de leitura geográfica em cortes e dobras.

O que Moreira desvenda e deslinda em suas análises é o modo como a imaginação criadora literária (e artística) se apresenta de diferentes maneiras como imaginação geográfica de paisagens⁸. Os cortes são as

⁸ Veremos adiante que, neste sentido, há uma variação na leitura que faz do episódio do delírio de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e do *D. Quixote*, de Miguel de Cervantes: na primeira a imaginação está vinculada à mundividência do autor – sua concepção filosófica –, no segundo, a imaginação se vincula ao problema do conhecimento – a relação do personagem com o mundo exterior (real).

formas de selecionar e circunscrever zonas analíticas e linhas de demarcação temática; as dobras são maneiras de estabelecer e explicitar vínculos analíticos e vincos/traços de significação espacial. Os cortes projetam áreas definidas (estratos, camadas) e as dobras projetam sobreposições de escalas (conexões, vínculos, redes, jogos de significação).

Exemplos de leituras temáticas: a abordagem da sexualização da paisagem no *Ulisses*, de James Joyce; os termos de origem amazônica – amazonismos – usados por Guimarães Rosa, e os significados do pântano na literatura. É interessante a análise que Moreira faz do *Ulisses* porque ele não busca “fontes de observações” sobre lugares geográficos específicos, referências a espaços e paisagens reais, nem a espacialidade do romance, mas a construção simbólica da sexualidade (do sexo) como uma construção repleta de analogias e significações geográficas.

No ensaio sobre a “Simbologia dos Pântanos” utiliza um recurso analítico diferente, abordando como estes são representados em diferentes obras literárias, o valor simbólico e alegórico que apresentam desde a poesia ao romance, mesmo quando não aparecem descritos em detalhes – é uma *paisagem de profundidade* ou paisagem elíptica. Seu corte analítico pode ser considerado horizontal, nesse sentido, por atravessar e enfeixar comparativamente obras diversas em gêneros, épocas, lugares, etc. E seu foco são as significações que este “acidente geográfico” natural adquire literariamente. O simbolismo da paisagem literária é muito explorado nessas análises de Moreira.

A análise que faz da obra de Augusto dos Anjos é também temática, através da paisagem poética. Moreira explora as várias possibilidades: as simbologias e significações da paisagem na poesia de Augusto dos Anjos, suas referências a lugares concretos, a criação de paisagens imaginárias, a invenção de uma “paisagem agônica”, a própria geografização da poesia. Para o paraense essa poética ilustra bem a tese da paisagem como estado da alma, assentada numa geografia fantástica e soturna. Notemos que este é outro modo de leitura geográfica: a paisagem na obra, a paisagem subjetiva, criada imaginariamente na (pela) poesia, as formas da natureza e espaços humanizados e simbolizados poeticamente.

Devo ressaltar que essas leituras que Moreira faz de obras literárias estão intimamente relacionadas com sua concepção filosófica da Geografia. Seu olhar é marcado pelo lugar de enunciação da Geografia como conhecimento científico e condição de existência, como conduta epistemológica (“espírito geográfico”) e fato ontológico (geograficidade,

mundoviência, experiência geográfica). Nas suas leituras ele tenta conciliar objetividade (o mundo concreto, material) e subjetividade (imaginação, sentimentos, ideias) em termos de sua expressão paisagística no texto literário.

Na análise que realiza do *Dom Quixote*, de Cervantes, aborda o problema do conhecimento, o problema de nossa relação em face do mundo. A questão ainda é a imaginação geográfica, em uma dobra analítica que considero singular. Segundo Moreira nossas relações com o mundo são mediadas por *imagens e ideias* (representações), no *Dom Quixote* prevalecem as imagens, inclusive estas dirigem as ideias. O centro da análise é o personagem Dom Quixote e sua relação imaginária com o mundo. É um outro foco de análise, não centrada no conteúdo ou no autor, nem na paisagem criada pela/através da obra.

Nesse mesmo corte analisa também o texto sobre o delírio de Brás Cubas, personagem de Machado de Assis do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Este episódio romanesco condensaria, segundo Moreira, a “concepção da vida ou a mundivivência machadiana”. É uma análise que parte do autor, de como este coloca suas “vivências geográficas” e seu pensamento filosófico em sua obra. Não do espaço geográfico do autor, mas da vivência do autor. Machado, nesse sentido, joga ou brinca com as “imagens e ideias”. Segundo Moreira, na sua leitura do *Dom Quixote*, estas são as mediadoras de nossa relação com o mundo real. Portanto, o centro nevrálgico é a imaginação em exercício. “As imagens e as ideias se movimentam e articulam livre e arbitrariamente como que dotadas de um poder cinético e aglutinativo próprio, independente da sua significação” (MOREIRA, 1985: 144).

Apesar da ênfase recair na imaginação, esta não está substanciada na paisagem ou em elementos desta, nem na relação dos personagens com meios físicos, ou na descrição, criação de simbologia geográfica do texto, mas no tema do conhecimento. Moreira entende que o delírio e a loucura fazem parte da “política de pensamento” de Machado, como síntese filosófica, mas que não forma um sistema, uma concepção unificada e lógica da vida por estar literariamente expressa (MOREIRA, 1985: 146). Mas Moreira (1985: 146) a sistematiza em uma dupla negatividade. Segundo ele, Machado: a) nega qualquer transcendência ou significação espiritual à vida – ceticismo e, b) não reconhece na vida condições efetivas para a felicidade humana – pessimismo.

É nesse ponto da análise que podemos relacionar a leitura de Moreira do texto de Machado com a que fez do texto de Cervantes: o ceticismo de Machado tem um caráter gnosiológico, “como reconhecimento da nossa incapacidade de conhecer racionalmente a vida ou o mundo exterior” (1985: 146). Mas, em Machado é muito mais uma “recusa” que uma “incapacidade” do ser de entender a vida pelo padrão racional vigente. Assim, o modo de análise de Moreira desse episódio da obra machadiana é significativo em termos da aproximação da Geografia e da literatura, porque temos aí uma leitura filosófica ou geofilosófica, ou seja, empreende aquela aproximação entre Geografia e Filosofia por meio da análise literária.

Na leitura que faz de *Os Lusíadas*, de Camões, Moreira adota um procedimento de análise histórica ou contextualizada. Dá ênfase na relação da obra com o “espírito da época” do Renascimento. O tema do descobrimento nessa obra, para Moreira, envolve um relevante sentido geopolítico, o processo de alargamento de fronteiras imperiais (MOREIRA, 1985: 86). Não temos somente uma análise da simbologia espacial, uma classificação dos elementos espaciais, uma abordagem temática específica, mas uma abordagem da relação texto-contexto na configuração geográfica da obra camonianiana. Ele utiliza um sistema analítico que articula tema, quadro e sentido.

Pode ser cansativo adentrar outros aspectos da concepção geográfica de Moreira, mas gostaria de me referir ao que denomino *geografias miúdas*. Não se trata de microgeografias ou de geografias de escalas modestas, mas de temas geográficos que se referem ao *espaço banal* do cotidiano (SANTOS, 2009), relativos a problemas que em geral não interessam ao geógrafo.

Podemos começar com o texto sobre a “função geográfica da mulher”. Moreira (1960: 119) defende que teríamos uma geografia em função dos sexos se pudessemos fixar no plano paisagístico os sentimentos, as atitudes e as ações do homem e da mulher em relação à Natureza. Desse modo, acredita ser interessante pensar na possibilidade de uma “geografia feminina”, que para ele seria “paisagens modeladas exclusivamente de acordo com os gostos e preferências da mulher” (MOREIRA, 1960: 119). Mas, acredita ser mais possível realizar “considerações geográficas em torno da mulher”.

As preferências e inclinações criadas pela diferenciação sexual impõem naturalmente ao homem e à mulher atitudes e

comportamentos diferentes sob o ponto de vista geográfico, o que se comprova pelo modo como encaram e como agem em relação à paisagem. (MOREIRA, 1960: 119).

Por ser mais sensível e delicada a mulher apresentaria, para Moreira (1960: 119-120), mais receptividade às influências da Natureza e maior capacidade de identificação com a paisagem. A mulher se acha numa situação mais orgânica e psicologicamente mais íntima da Natureza. Entende Moreira (1960: 120) que o homem encara o mundo de modo resoluto e senhorial, enquanto a mulher o faz com predisposição à submissão, com passividade. A mulher não se relaciona com o mundo de uma maneira própria, a não ser em relação ao que a distingue do homem, e sempre esta distinção a desmerece na análise de Moreira. “Sendo **receptiva** por natureza, ela se inclina facilmente a uma certa **docilidade** com respeito às influências externas, e conseqüentemente a uma **pré-aceitação** do que o mundo significa como condição, ordem ou como paisagem” (MOREIRA, 1960: 120, negritos nossos). Suas considerações geográficas em torno da mulher são prisioneiras de uma concepção patriarcal, ainda que busque valorizar geograficamente a mulher.

Afirma que a mulher procura na paisagem aquilo, de preferência, que tem ligação específica consigo, sendo que suas relações com a Natureza se definem mais num sentido psicológico do que geográfico ou paisagístico (MOREIRA, 1960: 120). A mulher cede mais facilmente às influências e imposições do meio, porque se prende mais a sensibilidade e a imaginação do que aos interesses (MOREIRA, 1960: 121).

Desse modo, a relação do homem com a natureza possui um caráter mais objetivo, prático e utilitário, mais interessante sob o ponto de vista geográfico; a mulher é mais subjetiva e desinteressada, menos expressiva geograficamente (MOREIRA, 1960: 121). No campo geográfico a função do feminino se definiria no sentido mais da interioridade do que da exteriorização. Não é de admirar que Moreira acredita que a atuação geográfica da mulher gravita naturalmente em torno do lar (MOREIRA, 1960: 122). Essa “geografia em miniatura” da mulher se delinea no arranjo do jardim, na decoração dos interiores, na utilização das plantas e animais exóticos, com fins ornamentais ou não. Desse modo, a mulher *paisageia* o ambiente doméstico, numa geografia “aplicada”. “Essa é a geografia que verdadeiramente a interessa porque modelável ao seu gosto, tanto mais quanto exprime e consubstancia os seus sentimentos a respeito da Natureza” (MOREIRA, 1960: 122). Por fim, Moreira afirma uma certa “inferioridade geográfica da mulher em relação ao homem”.

A atuação do homem na paisagem é direta, ostensiva, afirmadora, ao passo que a da mulher é discreta, complementar, estabilizadora. Mas se a atuação no plano paisagístico é secundária em relação a do homem, grandes, entretanto, são as influências indiretas que ela exerce aí. (MOREIRA, 1960: 123).

“O homem faz a paisagem”, entende Moreira, “porque a estrutura e modela, mas é a mulher que cria o ambiente e as condições sociais necessárias à sua estabilidade” (MOREIRA, 1960: 123). A paisagem, sendo também um conceito moral que não exclui a consideração sobre os valores éticos que regem o comportamento humano num dado espaço, pois toda paisagem cultural revela um comportamento, é estabilizada pela mulher. (MOREIRA, 1960: 123). O homem naturalmente se opõe à natureza, a mulher modera essa tendência porque é pacífica e acomodatória, ao contrário do homem que é afirmativo e criador (MOREIRA, 1960: 123). Onde há mais influência da mulher a ação do homem sobre natureza é menos devastadora, ou mesmo moderada e preservadora (idem: 124). De certo modo é decepcionante esta análise de Moreira da mulher como agente paisagístico, porque mais a desvaloriza em comparação ao homem, do que afirma sua diferença e importância na construção da paisagem. Mas hoje podemos realizar uma análise geográfica que leve em conta as diferenças de gêneros sem cair numa geografia do gênero feminino reducionista. Uma análise não prisioneira de preconceitos machistas e patriarcais ocidentais.

Um texto mais interessante de Moreira é o que versa sobre “o cego e a paisagem”. Moreira afirma a centralidade geográfica da visão. “De todos os sentidos, ela é o mais credenciado para a função informativa da realidade, o que equivale dizer que é o mais importante para formar nossa representação e interpretação do mundo exterior” (MOREIRA, 1960: 137). Mas, apesar disso, a paisagem não se restringe à visão, segundo Moreira, pois “a atuação dos outros sentidos é sempre parcial e complementar” (idem: 137). Para Moreira (1960: 138) a experiência visual é única, abrangente e completa em si mesma, por estar assentada em estímulos gerais e constantes, ao contrário dos outros sentidos, baseados em estímulos passageiros, sendo portanto experiências fragmentárias da realidade.

Por isso, “O cego só percebe a paisagem através de certos elementos isolados ou acessórios”, elementos geograficamente menos expressivos, de acordo com Moreira (1960: 138). O cego não percebe o que a paisagem

tem de mais particular e expressivo em termos geográficos, mas pode senti-la e qualificá-la. Já “Para as pessoas dotadas de visão, a paisagem se configura independente do concurso das representações; revela-se de maneira direta, ampla, integral, não havendo necessidade de um esforço de síntese para compreendê-la” (MOREIRA, 1960: 138). É difícil concordar que a paisagem pode apresentar-se a alguém sem representações, mesmo que veja, porque ver é uma questão de aprendizado cultural. Para o cego, diz Moreira (1960: 138), a paisagem é sempre resultado de uma elaboração mental a partir das captações parciais dos outros sentidos e das informações que lhes são oferecidas, tendo sua síntese um fundo de imaginação. Afirma Moreira que “A imaginação é o grande suprimento psicológico de que se vale o cego” pois ela constitui o meio através do qual o cego elabora seus “conceitos visuais” (MOREIRA, 1960: 138).

A paisagem para o cego é inteiramente conceitual. Portanto, reconhece Moreira (1960: 139), “Como a todos nós, a paisagem o envolve inteiramente, penetrando e repassando todo seu ser, pois é parte integrante do conteúdo da sua consciência”. E há uma vantagem do cego em relação aos que têm visão, nesse sentido, porque este possui “uma aguda intuição dos fatos e das coisas” (idem: 139), sendo que “não são apenas as vias sensoriais diretas que põem o cego em comunicação com a paisagem”; diz Moreira (1960: 140) que “há também uma série indefinida de obscuras sensações corporais que formam um fundo indistinto de sensibilidade”. Ou seja, a paisagem se constitui com o nosso corpo, através do corpo, e para o cego o corpo é fundamental para sua percepção e concepção da paisagem. Por não conseguir abranger toda grandeza da paisagem, o cego se fixa e se absorve nas particularidades que possam sugerir-lhe esta grandeza, sendo que sua percepção se orienta à profundidade nos detalhes (MOREIRA, 1960: 141).

Todas essas considerações colocam em relevo algo muito importante para nossa compreensão da paisagem, ainda que Moreira defenda a centralidade da visão. Primeiro: os outros sentidos têm importância para que possamos construir uma noção de paisagem; segundo: a imaginação é fundamental para a construção da paisagem, mesmo que tenhamos a visão; terceiro: a paisagem é sempre paisagem para um corpo, com o qual ela se comunica. No cego isto se acentua em função da ausência da visão mas em todos nós a paisagem envolve a atuação de todos os sentidos, da imaginação e do corpo.

As geografias miúdas de Eidorfe Moreira são surpreendentes pela profusão temática que nem imaginamos serem possíveis de abordagem

geográfica. Elas definem traços significativos das relações espaciais humanas em suas diferenças, nas diferentes maneiras como os sujeitos experimentam, vivenciam e representam o espaço. E também como a cultura se espacializa ou geografiza nossa vida. Uma concepção geográfica da vida, defendida por Eidorfe Moreira, que nos conclama a romper fronteiras e experimentar novas perspectivas de leitura da espacialidade humana.

UMA LEITURA DA CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA DE EIDORFE MOREIRA

Resumo: Buscamos apresentar neste artigo o pensamento geográfico do geógrafo paraense Eidorfe Moreira, sua concepção da Geografia, seu trânsito ensaístico por diversos temas culturais que atualmente se tornam mais recorrentes na Geografia, mas não o eram no Brasil à época que escrevia, da década de 1960 até 1980. Eidorfe Moreira procurou desenvolver uma concepção filosófica da Geografia, “uma concepção geográfica da vida”, desenvolvendo conceitos e abordagens bastante originais dos aspectos espaciais da literatura, da arte e da cultura em geral.

Palavras-chave: Eidorfe Moreira. Geografia. Literatura.

A REDING OF THE GEOGRAPHICAL CONCEPTION OF EIDORFE MOREIRA

Abstract: In this article we present the geographical thought of Geographer Eidorfe Moreira, his conception of Geography, his essay production path through various cultural topics that currently have become more relevant in Geography, but were not popular in Brazil at the time he was writing, in the 1960s to 1980. Eidorfe Moreira tried to create a philosophical conception of Geography: “a geographical conception of life”, developing very unique concepts and approaches on spatial aspects of literature, art and culture in general.

Keywords: Eidorfe Moreira. Geography. Literature.

BIBLIOGRAFIA

- BROSSEAU, M. 2007. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 17-78.
- DARDEL, E. 2011. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werher Holzer. São Paulo: Perspectiva.
- DERRIDA, J; ROUDINESCO, E. 2004. *De que amanhã... Diálogos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 2003. *Kafka: por uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. 2004. *Diálogos*. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água.
- GONÇALVES, C. W. P. 2005. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (Org.). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 3-5.
- HALL, S. (ed. by). 1997. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: SAGE Publications.
- _____. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- MIGNOLO, W. D. 2005. Espacios geográficos y localizaciones epistemológicas: la ratio entre la localización geográfica y la subalternación de conocimientos. In: *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, Ano VII nº 13 Set.
- _____. 2003. *Histórias Locais /Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar*. Belo Horizonte: editora UFMG.
- MOREIRA, E. 1960. Amazônia: o conceito e a paisagem. Rio de Janeiro: Agência da SPVEA, In: MOREIRA, E. 1989. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP, (vol. I).
- _____. 1985. Geografias mágicas: ensaios. Belém: UFPA, 1985. In: MOREIRA, E. 1989. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. VII).

_____.1960. Ideias para uma concepção geográfica da vida. In: MOREIRA, E. 1989. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. II).

_____. 1989. Uma filosofia em termos geográficos. In: MOREIRA, E. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP (vol. VIII).

MOREIRA, R. 2008. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto.

NUNES, B. 1989. Nota crítica. In: MOREIRA, E. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP, pp. 25-28. (vol. I).

NASCIMENTO, E. 2001. *Derrida e a Literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 2 ed. Niterói: EdUFF.

SANTOS, M. 2008. *Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 6 ed. São Paulo: Edusp (Coleção Milton Santos; 2).

_____. 2009. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.

SOUSA SANTOS, B. de. 2002. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.

Data de submissão: 26/06/2012

Data de aprovação: 21/07/2014